



Copyright © Fábrica de cânones, 2022
Nas entrelinhas © Ana Rosa Costa, 2022

Editor

Eduardo Guimarães

Revisor

Guilherme Sakai

Ilustração da capa

Ana Rosa Costa

Projeto gráfico e diagramação

Regina Kashihara

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C838 Costa, Ana Rosa
Nas entrelinhas/Ana Rosa Costa – São Paulo : Fábrica de cânones, 2022.
76 p.
ISBN 978-65-996462-5-6
1. Poesia brasileira I. Título

CDD 869.91

(Ana Paula Cechinel CRB-8/9062)

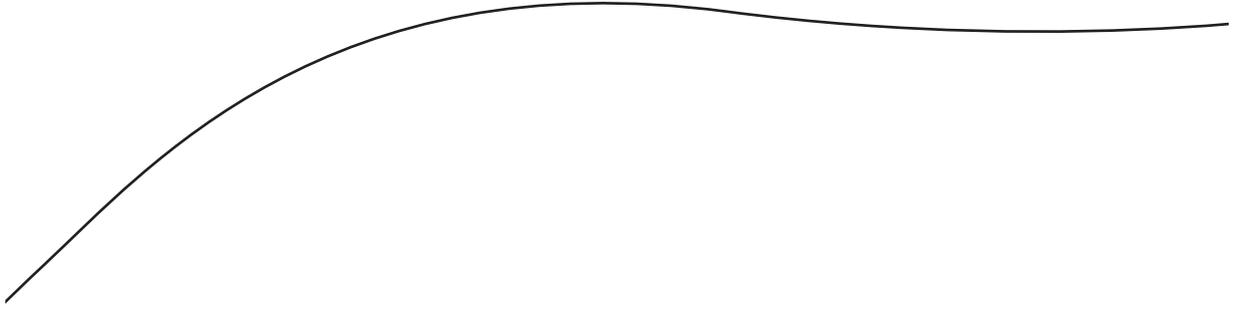
Fábrica de cânones
R. Professor Miguel Milano, 80, Vl. Mariana
CEP: 04012-010, São Paulo – SP – Brasil
Tel: (11) 98338-2314
@fabricadecanones
fabricadecanones.com.br

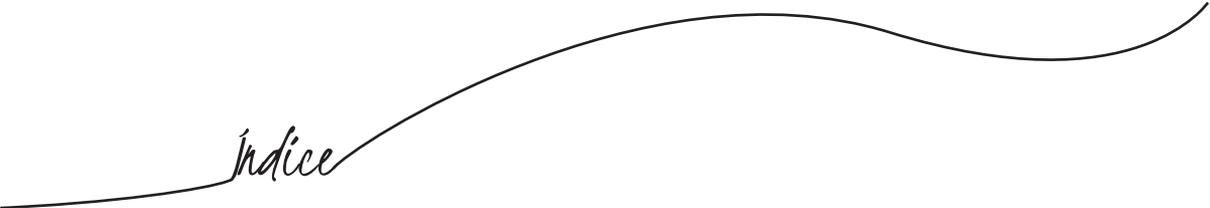
Ana Rosa Costa



1ª edição | São Paulo | 2022

 **Fábrica**
de cânones





Índice

11 Introdução

Uma linha tênue

15 Helena

17 Lourdes

18 Regina

19 Vânia

20 Pérola

21 Marlene

22 Dolores

23 Lígia

24 Ruth

25 Luzia

26 Meire

27 Maria

29 Marina

30 Luci

31 Cecília

32 Regiane

33 Agatha

34 Liliam

36 Augusta



37 Magda

39 Lia

41 Alma

O sen do sen

45 Teresa

46 Laura

48 Brisa

Outras pintam o rosto para o amor

51 Sol

53 Agnes

54 Pietra

55 Heloísa

56 Vitória

57 Keila

59 Rose

60 Carmem

62 Amália

63 Mercedes

65 Kiki

67 Aline

68 Clotilde

69 Alba

72 Fátima

73 Dolores

Para minha mãe Sebastiana (In memoriam)
e minha filha, Luíza

Para todas as mulheres que se entrelaçam
nas linhas da minha vida:

minhas irmãs e minhas amigas,

Para Dona Maura

Para as minhas queridas mestras das palavras:

Ana Maria G. Rios, Geruza Zelnys, Marcia V. Fortunato,
Malu Zoega de Souza, Magdalena V. Jalbut (In memoriam)

Havia um emaranhado de dor, solidão e medos.

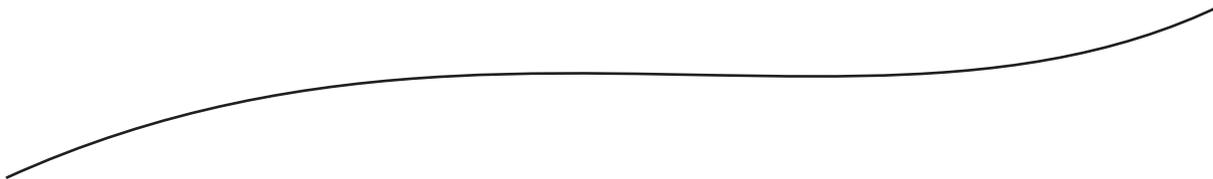
Havia também amor, coragem e desejos.

Todas as palavras, confusas, se escondiam dentro de um corpo sem rumo!

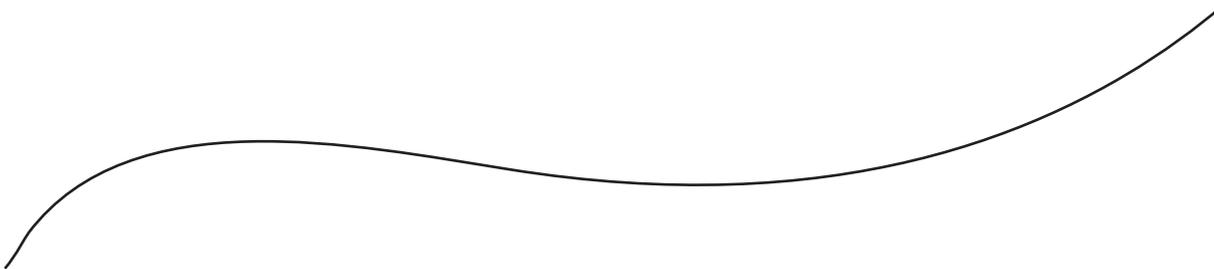
Quando encontraram seu lugar, nas vozes das muitas mulheres que compartilharam suas histórias, ganharam espaço e se revelaram nas entrelinhas do cotidiano, naquela linha ancestral que nos une em meio a tanta diversidade, nos aproxima, nos faz únicas e ao mesmo tempo tão próximas e parecidas. A força da vida entrelaçada, que acolhe, que dá colo, a cura pela troca de afetividades... Nas histórias, encontramos não respostas, mas a possibilidade de um novo amanhecer.

Não conheci sete, setenta e sete, setecentas e setenta e sete e nem sete mil setecentas e setenta e sete mulheres. Mas, em cada uma, está a semente da infinidade da alma, espelhada em uma linha tênue, entre o sonho e a realidade, o ser dentro do ser – o reflexo de si mesma.

Algumas pintam o rosto para a guerra, outras pintam o rosto para o amor...



Uma linha tênue



Helena

Era uma noite de verão. Cheguei toda animada e vi a mala arrumada na sala. Perguntei o que estava acontecendo, e ele respondeu com outra pergunta: “O que você acha?”

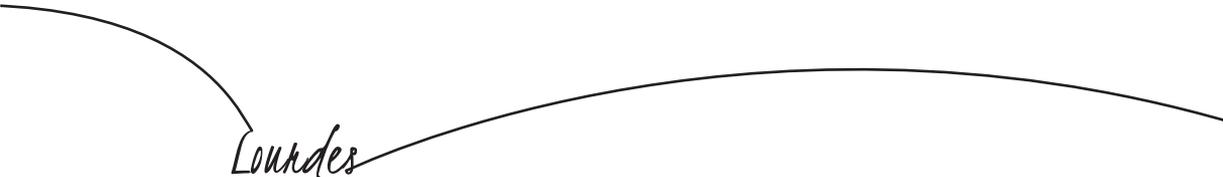
Eu não achava nada! Aliás, sempre achei que estava tudo bem. Insisti. Ele não queria conversar. Ele nunca conversou antes, porque iria conversar bem naquela hora? Aliás, que eu me lembre, ele nunca quis conversar sobre nada. Era sempre eu falando e falando, e ele, ouvindo e ouvindo. Ele me entregou a chave do apartamento, a aliança e saiu. Eu fui ao quarto e vi o guarda-roupa de portas abertas, vazio. Fiquei me lembrando das calças e das camisas penduradas em dégradé, quase todas brancas, azuis e beges. Entrei no banheiro, metade do armário havia sido banida da face da terra; só o estranho cheiro do creme de barbear ainda enchia o banheiro. Olhei a sapateira, um deserto de marrom e preto. Peguei algumas fotos que estavam em cima da cama, acho que esquecidas na pressa de escolher o que levar. Passei boas horas folheando recordações. Festa à fantasia da faculdade. Eu, toda animada, colorida. Ele de bico com ciúme, calça jeans e camiseta branca. Festa de ano novo na praia. Eu, toda de branco pulando onda. Ele de bico, calça jeans e camiseta branca. Viagem à praia de Itamambuca. Eu, de biquíni, tomando sorvete. Ele de bico, calça jeans e camiseta branca. Fotos do nosso casamento no civil. Eu com



um baita sorriso e ele com o de sempre. Eu na festa da Marina,
minha melhor amiga, sozinha. Eu na ceia de ano novo dos meus
pais, sozinha. Eu, no batizado da minha sobrinha, sozinha.

“E ele foi embora e não me disse nada...”

“Liguei para uns amigos. Dei uma festa.”



Lourdes

Com a secretária. Amor, estou atolado de serviço, vou ficar até mais tarde. Amor, vou viajar a trabalho, volto na terça. Amor, hoje não consigo chegar para o jantar, tenho uma reunião importante com clientes. Amor, não dá para ir à reunião da escola dos meninos, tenho que receber um cliente que vem de fora, é o fuso horário. Amor, eu não esqueci a nossa data de casamento, eu só não pude sair para comprar seu presente, muito trabalho. Amor, você está gastando muito com o supermercado. Amor, vamos ter que tirar os meninos do clube, leva só na natação, é mais barato. Amor, não dá para comprar essa bolsa. Amor, vamos precisar vender seu carro. Amor, parece que, quanto mais eu trabalho, menos eu ganho, as coisas estão cada vez mais difíceis. Amor, eu estou tão cansado que só quero jantar e dormir.

Você viu aquela minha gravata de seda?

“Lourdes!”

Regina

Na primavera. Vinte e seis de setembro. Eu chamei. Sacudi e chamei. Gritei. Ele não acordou. A vizinhança veio toda. Não tinha mais jeito. Ele se foi assim, dormindo.

Eu ainda arrumo a cama do mesmo jeito. O travesseiro ainda está lá, do mesmo lado. Tem dia que eu não acredito, viro de lado e sinto a cama vazia. Outro dia sonhei com ele. Nós dois dançando... Na juventude sempre saímos para dançar. Era tão divertido! Na verdade, ele tinha um jeito meio durão. Mesmo assim, se esforçava. Às vezes, pisava no meu pé e a gente ria. Ele gostava muito de futebol, principalmente dos campeonatos. E da Copa, então? O café eu também faço do mesmo jeito, forte e com pouco açúcar.

Meus filhos me fizeram doar as roupas todas. Disseram que isso iria me ajudar a tocar a vida para a frente. Ultimamente eu me deixo levar, isso sim. Eu até tento, mas só consigo ir à missa. Lá eu me sinto em paz.

“Meu Deus, por quê?”

“Por quê?”

Vânia

Hoje em dia tudo parece muito simples. As pessoas dizem, da mesma forma, que estão juntas ou separadas. Mas não sei se consigo ver as coisas assim. Quando me casei, comprei o sonho do amor eterno, aquele do “até que a morte os separe”.

Quase foi assim. Na verdade, quase morri de solidão. Parece ironia, mas, quanto mais juntos, mais eu me sentia só. Os filhos cresceram...

Fui eu quem deu um basta! Acho que nem para isso ele fez um esforço. Eu tentei, mas não consegui levar mais esta história adiante...

Mas eu não consigo falar disso, assim, com tranquilidade. Ainda me sinto meio esquisita.

“Ah, a aliança? Eu deixei, mas é só mais um pouquinho. Até eu conseguir contar para todo mundo...”



Pérola

Foi uma curva errada. Eu entrei à direita. Deveria ter entrado à esquerda. “Já era”, ele gritou!

“É só voltar!”, eu respondi.

Ele continuou reclamando. Quando percebemos, estávamos os dois gritando tudo o que estava engasgado.

Parei o carro.

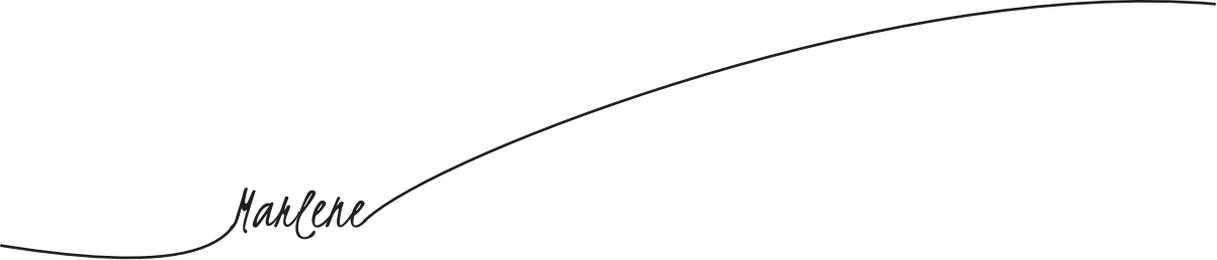
Ele desceu. Entrou em casa. Pegou a maior mala que tínhamos, colocou o que podia dentro.

Uma hora depois, um táxi parou na porta do prédio.

Ele partiu.

Deixou um bilhete em cima da cama:

“Não é você! Sou eu... entende?”



Mahlene

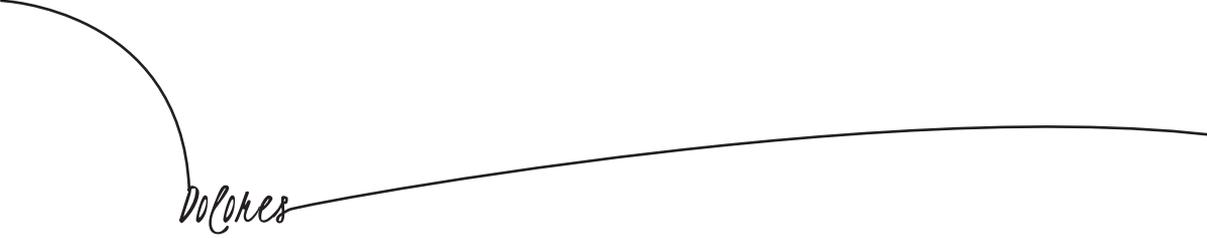
Na verdade, ele não foi embora. Mas é como se fosse.
Não vejo mais o homem que conheci. Só vejo uma casca do
que ele era. Uma foto em preto e branco.

No começo, era uma dose. “Socialmente”. Depois virou uma
dose, diariamente. Depois, de hora em hora. E, por fim, a dose
o engoliu.

Ele acorda e dorme com a garrafa. Só está sóbrio quando dorme.
Provavelmente...

Primeiro ele perdeu o emprego. Depois foram os amigos.
Agora...

“Quanto a mim? Só não vou porque... nem sei!”



Dolores

Wanderley, não coma torresminho! Wanderley, não exagere no docinho! Wanderley, não pode refrigerante, todo dia, no almoço!

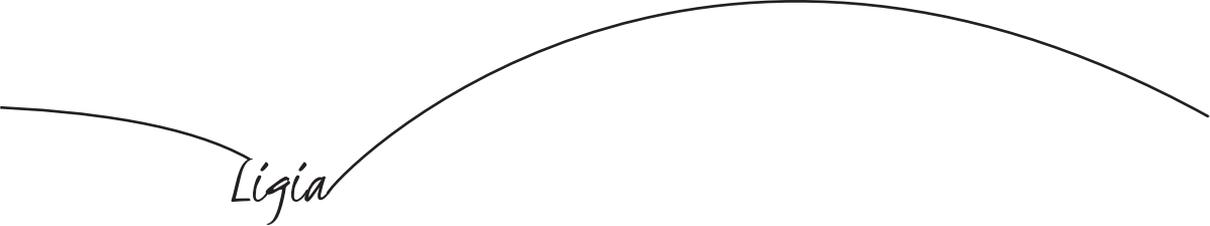
Wanderley, lembre o que o médico disse: “Depois da safena tem que moderar”.

Fumando escondido, Wanderley?

Cansei de pedir, cansei de falar. Fazer o quê?

Da segunda vez ele não aguentou. O médico me disse que nem deu tempo de levar para o centro cirúrgico.

Às vezes eu rezo e digo: “Eu bem que te avisei, Wanderley!”



Ligia

Café preto, torrada e jornal. No almoço, não nos víamos. Jantar às 8h30. Ver TV, banho, internet, cama. Sexo, às sextas. Futebol, no sábado. Casa dos pais, no domingo. Cinema, nunca mais!

Dançar, nem pensar!

Saidinha pro motel, nem morto!

Sofá.

celular.

computador.

Café frio.

Sexo mixo...

“Conheci o Alberto.”



Ruth

Ele foi embora com ele mesmo.

Era ele, e ele, sobre todas as coisas!

E ponto.

“Preciso dizer mais alguma coisa?”

Luzia

Foram muitas noites difíceis, nem sei dizer. Ele levou tudo o que podia. E o que não podia também: minha paz e meu desejo.

Deixou as crianças comigo e muito que fazer para arrumar minha vida. Naquela época eu achava que podia tudo. Ser mulher independente, dona da minha vida, não usar sutiã. Eu enfrentei tudo de cabeça erguida: audiências, chantagens, fórum, festas de família, apelidos pejorativos.

Os meninos foram crescendo. A vida foi andando.

A última vez que nos falamos, ele pediu... Eu perdoei.

Na verdade, eu me perdoei.

Às vezes, olho para trás e penso...

“Eu consegui!”

Meine

Uma canção. Começou trazendo para meu apartamento duas malas de roupa. Disse que precisava de mim!

“Que eu era tudo na vida dele!”

E precisava mesmo. As cuecas amanheciam sempre no chão, o pijama não saía da cama, o chinelo insistia em ficar parado no meio da sala. Eu sempre tropeçava!

Os sapatos, indecisos, nunca terminavam sua jornada até a sapateira. As roupas iam acabando e ele continuava procurando cada uma delas na gaveta. O prato ficava na mesa e a louça, suja, sempre suja.

Um dia brigamos e ele cantarolou: “Amélia que era mulher de verdade...”

Abri a porta e disse: “Vá procurar por ela!”

Mahia

O meu me deixou com dois meninos e uma barriga...
Nem sei como consegui... Trabalhava com os dois meninos grudados na perna – o menorzinho, sentado no colo mamando – e catava feijão... Quase morri de fome para deixar o pão para os meninos. Trabalhei até a hora das dores. Depois, ela me deu um dinheiro, dois quilos de arroz, um de feijão, umas fraldas e não me quis mais lá...

Aí, comecei a lavar e passar para fora. Era mais fácil. Eu podia cuidar dos três e dar conta da roupa. A menina, eu deixava dormindo dentro da bacia. Os meninos ajudavam a pendurar as roupas. Quando o mais velho cresceu, ele ajudava também nas entregas...

Nunca mais vi a cara dele... Não veio nem para conhecer a menorzinha. Até hoje ela não sabe nem o cheiro do pai... Não tenho nem um retrato para mostrar pros meninos...

Sei lá, às vezes, acho que a culpa foi minha... Não sei se agradava ele direito, ou porque tava sempre de barriga... Acho que ele não gostava de barriga... Mas o que eu podia fazer? Quando eu via, já estava de barriga. Os três assim, juntinhos...

Ele foi embora com a sem-vergonha lá do bar! Nem vinha mais do serviço para casa! Ele parava lá para tomar umas e outras! E ela, sempre na porta do boteco esperando!